

O JOGO DELES: MAIS DO MESMO.

Euler Sandeville Jr.

SANDEVILLE JR., Euler. O jogo deles: mais do mesmo. São Paulo: Informativo FAU n. 7, 2014, pg 24-27. Disponível em <http://www.espiral.fau.usp.br//e-publicacoes/2014-euler-jogodeles.pdf>

A abertura em 12 de junho de 2014 da Copa de Futebol, organizada pela FIFA no Brasil, foi precedida de intensas polêmicas sobre os gastos públicos e sua distância, tanto das necessidades sociais do país, quanto foram indutoras de políticas de exclusão social. Essas manifestações, que vieram no esteio das intensas manifestações de 2013 desencadeadas a partir de movimentos urbanos por todo o país pelo transporte público, educação e saúde públicas, contra a corrupção, na verdade não são mera decorrência daquelas, mas expressam um estado de insatisfação mais amplo dos brasileiros com os desmandos de suas estruturas institucionais e políticas e das contradições sociais sobre as quais se assentam. Como aquelas, as manifestações de denúncia das imensas contradições desencadeadas na longa preparação para a Copa, foram duramente reprimidas pela polícia, mesmo que claramente cívicas e pacíficas, pondo a descoberto um conjunto de relações internacionais ligadas a fortes interesses econômicos e publicitários em torno desse esporte.

Uma tensão se estabeleceu assim entre uma discussão cívica e social que ganha o espaço público, o futebol como um forte componente cultural e passional de diferentes grupos e classes sociais, o aparelhamento do Estado por esses interesses econômicos e o uso ideológico pela mídia e diferentes forças políticas da complexa e inexorável condição em curso.

O texto que segue foi escrito no dia seguinte à abertura da Copa, quando tivemos que nos deparar com esse saldo contraditório, e que as manifestações, mesmo esvaziadas pela repressão e intimidação precedente, foram mais uma vez reprimidas com força excessiva, impedindo a livre manifestação de todos os segmentos sob a batuta de uma garantia de ordem para o certame internacional. Muitos jornais internacionais comentavam com estranheza a omissão de uma identidade brasileira na festa de abertura, ou de uma perda de efusão, ou pelo menos uma alegria mediada por certa tristeza ou descontentamento no país. Assim lhes pareceu.

Escrito, portanto, diante dos acontecimentos de 12 de junho de 2014, o texto que segue só faz sentido nesse contexto ampliado e momento-acontecimento. Reconhecendo condições mais profundas em jogo para a construção do que pretendemos ser como nação, como humanidade, busquei um posicionamento público e uma reflexão diante de mais um conjunto de eventos que mescla interesses econômicos com a luta por direitos, tendo o espaço urbano como o local privilegiado de disputa, a par da mídia e dos ambiente virtuais. O que apresento é sobretudo um manifesto contra a violência e a usurpação da alegria, da liberdade, do jogo lúdico.

Quem quer curtir o jogo deve ter o direito de fazer isso. Sim, tem, e também quero. Quem quer protestar também tem esse direito. E também quero. E protesta-se por que? Porque esse jogo trouxe uma consciência de suas contradições imensas, mantido pela força, literalmente. Um jogo que esconde outros, da Fifa à Presidência e ao governo do Estado e Prefeitura, e Partidos, um papel e desempenho triste, fechado entre as paredes de

interesses que não são os nossos. Quando vocês, governantes e financiadores, se olham no espelho, ainda se reconhecem? Um jogo de poder e de grande concentração de dinheiro que mina as instituições, chuta a dignidade e hipervaloriza normas, mas reza contrário à justiça, à solidariedade, à alegria. A violência da força e a fragilidade da propaganda transformando a paixão em negócio, esvaziou a paixão como nunca antes tinha visto.

Agora, violência, seja pontual, seja generalizada, não pode ser içada a um valor em nossa sociedade, e os meios de comunicação e a indústria cultural o fazem cotidianamente, tornando-a aparentemente fria e distante, uma simples pulsão de ódio contido que se realiza numa imagem esvanecente que oculta sua brutalidade; e que não se diferencia muito enquanto imagem do anúncio do café ou da pasta de sorri-dente ou do santinho de eleição. Eleição de Presi-dente, governa-dor, de-putado, sena-dor, pré-feito, ver-ea-dor, re-presenta-nte...

Pior, o Estado adota e acaricia a violência e a transforma em um inaceitável antivalor desvalorizando a vida, a brasilidade. Quem torce não deve usar de violência, ao contrário do que ocorre em estádios do mundo inteiro. Também quem protesta. Em especial, não tenho nenhuma simpatia nem concordância pela ação dos *black bloc*. Nenhuma. Não nos representam. Reproduzem de modo inconsciente e inconsistente a violência que vivem, mas não são corajosos, nem são corajosos os policiais paramentados para a batalha. Porque coragem seria dizer: isso não faço, disso não participo, e sobretudo, quero mudar tudo isso a partir do que sou, do que posso ser sendo solidário com outros. Isso seria coragem, isso requer coragem. Bater é próprio do covarde, do acuado, do medroso, daquele que está inseguro do que é, do déspota. E se podemos compreender que alguém no estresse ou nessa confusão consigo perca o controle, não podemos aceitar isso como valor social, sobretudo quando ocupa o espaço público, um espaço de realização social. Em especial, quando investido de representar o Estado, se torna assim uma manifestação gratuita de força e poder descontrolado, jamais de autoridade. Pelo contrário, deprecia a noção de autoridade.

Também não se pode a todo e qualquer protesto impedir as ruas, isso deve ser reservado para grandes momentos, ser consciente e não um singelo desabafo que quase diz “não estou aí para nada”. Isso também é perda de valor. O protesto é legítimo, e a livre manifestação o que pode corrigir rumos do Estado e das práticas democráticas. A discussão na sociedade de suas formas de manifestação precisa amadurecer. Mas como amadurecer, tratado na porrada, no tiro e não do diálogo? Temos que ser mais criativos e comunicativos. Em nenhum caso se justifica a violência contra as pessoas, nem de manifestantes, muito menos pela polícia.

A polícia andava nas ruas estes dias em grandes grupos, mas até que estavam ordeiros, aparentemente educados (mas a expressão “para inglês ver” parece ter sentido novamente). Porém, logo vem à tona essa outra face brutal de sua ação. Tornam-se expressão do medo, até nas cores que usam. Os policiais não sentem que deveriam representar mais do que uma corporação, uma ideia pública, um papel público? O orgulho da farda vem da farda ou do modo e da razão como se empenha? Nisso não são diferentes dos outros, o arquiteto, o dentista, o atendente, as pessoas não valem pelo que vestem, seja adereço, moda, seja do que se investe simbolicamente. Valem pelo que fazem.

Em tese não deveria haver uma face militar do Estado, mas havendo, deveria ser uma polícia cidadã, uma corporação em quem confiar, com quem se pode contar, em todas as

situações. A polícia, mais do que ninguém, não deveria ser violenta, e tem sido gratuitamente como mera demonstração de força e intimidação, confundindo medo e força bruta com autoridade. Infantilidade e imaturidade de graves consequências para a sociedade, e para os próprios cidadãos, com e sem farda, que são assim tratados como peões ingênuos numa guerra. Parece haver se introjetado um valor invertido, um desejo de bater que o uniforme infelizmente está tornando tão escondido - o rosto sem face do capacete e do escudo e da arma como o rosto sem face dos *black bloc*, como o rosto sem face das autoridades, endurecidos pela maquiagem do momento, como uma prisão em si mesmos por baixo da fantasia. Isso está instigando mais violência; deveriam ter um preparo esses que estão na ponta da coisa pública e a ignoram, políticos ou policiais, e nem deveria precisar de preparo, bastaria saber que se deve respeitar o cidadão.

Resultado, "uma copa triste em um país radiante", editada por decreto, com os brasileiros e suas questões de fora. Esse foi o problema. Resultado: a Dilma dizendo que não tolera as manifestações (não diferenciando entre elas e a desordem), blindando a copa e na abertura ninguém faz então discurso com "medo de vaia", segundo se noticiou. O xingamento veio, e discute-se, quem xingou? O povo, estava fora dos estádios, uma elite, que desprestígio. A Veja, caso exacerbado, mas não único de mídia engajada à direita ou à esquerda que instrumentaliza tudo, as notícias saem enviesadas, deixam de ser notícias para serem apenas pretexto. O Alckmin como sempre, agindo de modo brutal, intransigente, antidemocrático, frio. Todas essas, coisas desnecessárias. Desserviços.

Numa das "notícias" veiculadas, não lembro agora onde, dizia-se que o futebol é o bem maior do nosso povo. Nada, o bem maior do nosso povo são as pessoas que com seu trabalho e amor constroem esse ser nosso povo, em condições tão adversas, sobretudo aquelas pessoas que não perdem a dignidade, a integridade, a solidariedade, e ainda dispostas à afetiva celebração da festa. Esse é o bem maior, e que continua passando despercebido.

Sempre assisti às copas, torcendo pelo time brasileiro. Hoje vejo que torcer pelo time não é a mesma coisa que torcer pelo Brasil, o time milionário não retrata o Brasil. Mas este ano, o modo como tudo isso foi imposto, me fez perder a festa. A discussão do Brasil sai assim enviesada também, deformada pelos acontecimentos. E o time milionário adquire uma face ambígua no próprio país, além de jogar mal desfilando no campo. Uma copa aqui eu imaginava que seria um momento e tanto, eu queria participar, mas sinto uma tristeza de ver esses acontecimentos, esse estado mental a que fomos atirados. Isso não quer dizer que não possa torcer, e muito menos que não deva torcer, mas também não quer dizer que seja aceitável não perceber. E essa percepção deforma a festa, porque a festa foi tirada de nós por um bando gente fria e calculista, contábil, presas da própria ambição e de um grande vazio. Estão roubando parte essencial da nossa festa. Então: não confundam nosso desejo da festa, nossa alegria, com o vazio em que se isolaram. Uma distância se estabelece aí, e sua consciência convida e clama por novas possibilidades.